



O trabalho docente e seus processos de subjetivação em Tefé, interior do Amazonas¹

Cecília Creuza Melo HOLANDA²
Yomarley Lopes Holanda HOLANDA³

RESUMO

Este artigo é um recorte importante de uma pesquisa de mestrado, cujo objeto de estudo tratou do trabalho docente como processo de subjetivação no interior do Amazonas, articulando-se a partir da observação participante e de uma leitura interdisciplinar nos campos da Psicologia, Sociologia e Educação. Subjetividade e processo de trabalho estão imbricadas porque no campo estudado as relações de trabalho docente, salário, precarização e as vivências cotidianas são aspectos que compõem o mesmo cenário no transcurso da vida dos atores sociais. Em face deste cenário, visa-se discutir características quanto à forma e condições do trabalho docente, pautando-se nos seguintes questionamentos que serviram de inspiração: de que forma a globalização “provocou” modificações nas relações de trabalho? Como as novas configurações atingem os docentes no interior do Amazonas? Os pressupostos teórico-metodológicos que orientam este artigo não se pautam numa visão disciplinar que, a nosso ver, não daria conta da complexidade dos problemas que envolvem o processo formativo no interior da Amazônia. A análise do trabalho do professor fundamenta-se nas interpretações que surgiram da pesquisa de campo em Tefé.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho; Docência; Subjetividade.

Introdução

As modificações nas relações de trabalho atingem inúmeras questões não só econômicas, mas também sociais e educacionais, pois deságuam em um novo princípio educativo, ou seja, um novo projeto pedagógico, através do qual a sociedade pretende

¹Trabalho apresentado no GT 7 – Interdisciplinaridade, Institucionalidade e Desafios das Ciências Sociais na Pan-Amazônia, do III Siscultura.

² Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela UFAM, Psicóloga. E-mail: psikceci@hotmail.com

³Mestre e doutorando em Sociedade e Cultura na Amazônia pela UFAM. E-mail: yomarleylopes@hotmail.com



formar os cidadãos, trabalhadores e produtores para atender às novas demandas postas pela globalização.

Os impactos da chamada globalização têm provocando novas relações sociais em diferentes espaços da sociedade. Cada vez mais discutida na Modernidade as transformações envolvem as formas de trabalho, as condições do mercado, os vínculos empregatícios, a informalidade, a terceirização e até os produtos de consumo. Por consequência passa-se a exigir que o sujeito seja capaz de lidar com a crescente integração das economias nacionais e a sua qualificação torna-se objeto competitividade e excelência. Além disso, as novas tecnologias de informação e comunicação constituem outro aspecto significativo da cultura contemporânea, propiciando aos sujeitos novas formas de conhecer e de se relacionar, as quais, se por um lado abrem novas perspectivas à educação, por outro exigem o domínio de novas mídias com as quais poucos estão familiarizados.

Giddens (1997, p.118) afirma que atualmente a nossa vida tem girado em torno do desenvolvimento científico e tecnológico e as influências das ordens globais sobre a vida individual irão compor o principal tema da nova agenda. Entende-se que as decisões do dia-a-dia serão resultados globais e existem conexões muito próximas entre individual e coletivo que afeta até os aspectos mais íntimos de nossas vidas.

Pela mesma ótica, Neves (2006, p. 152) aborda as metamorfoses do trabalho nas sociedades contemporâneas, podem ser percebidas não apenas com as mudanças nas relações de trabalho, mas no sentido atribuído ao trabalho na formação da sociabilidade e da identidade do profissional, ou seja, entender as formas e condições do será essencial para analisar a identidade que este assume.

1. As mudanças nas relações de trabalho

Para Leite (2009) ao refletir sobre o mundo do trabalho deve-se levar em conta os conceitos globais que provocou mudanças sociais, políticas e econômicas favorecendo características locais a partir do global. A história nos ensina que o termo trabalho se



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



(re) configurou através do capitalismo fazendo surgir novas interpretações que passaram a caracterizar o mundo do trabalho marcadas pelo exercício e a classificação dos trabalhadores, identificados pelas relações de poder e força dentro das empresas.

Pode-se citar Pochmann (2004) sobre o questionamento do conceito de trabalho, que desde a Antiga Grécia era visto com um sentido pejorativo em detrimento daqueles que necessitavam prover as suas necessidades através da força e do exercício corporal. A sociedade grega ligava a palavra trabalho à ideia de constrangimento público, já que o homem que trabalhava não era tido como homem, não sendo reconhecido pela sociedade como um ser político.

Ainda conforme este autor, somente a partir do século XX que as definições de trabalho passaram a ser associadas primeiramente à ideia de ética cristã para depois a possibilidade de exercício da cidadania, e com o surgimento das sociedades capitalistas as condições de reprodução e viabilidade do trabalho foram modificadas, tornando-se algumas vezes difusas com a exclusão pela ausência do trabalho, como também a violência pela falta de direitos trabalhistas.

Haesbaert (2013, p. 13) escreve que nesse novo cenário moderno perceber as transformações sociais, econômicas e até mesmo culturais que a globalização nos trouxe é entender as profundas rupturas conceituais do trabalho e as percepções dos sujeitos envolvidos. Neste caso, a contemporaneidade da globalização traz desafios e inquietudes sobre as relações de trabalho, visto que, a globalização como fenômeno mundial se fortalece com o capitalismo e a sociedade de consumo, permitindo atingir várias esferas da sociedade, conseqüentemente, teremos a escola atravessada por essas questões.

É possível compreender que o sistema capitalista de certa forma proporcionou possibilidades no mundo do trabalho, marcando atividades como: produtividade, concorrência e avanço tecnológico, no entanto, agregado a estas atividades temos o princípio da incerteza, o movimento desregulado da concorrência e principalmente a falta de acesso aos mecanismos de proteção social. Visto que, o capitalismo modifica o papel do Estado, descentralizando as suas ações e ocasionando a exclusão social de alguns grupos (POCHMANN, 2004, p.18) . Por conta disso, pensamos que a



globalização fez com que ocorresse uma difusão do trabalho a partir do padrão de desenvolvimento econômico e tecnológico imposto pelos países desenvolvidos, em vista que este detém o poder na economia mundial. Talvez por isso que Therborn (1999) destaca que essa nova globalização gera muito mais exclusão do que igualdade e democracia como se pensava antes, nos dias atuais vivenciamos dicotomias que por um lado oferece progresso, mas por outro, sugere uma escravidão com desigualdades e trabalhos precários.

De fato, as novas modalidades de trabalho foram redefinidas provocando também mudanças nos aspectos centrais da vida social e, não podem ser subestimadas ou tratadas sob um ponto de vista somente econômico, mas como sugere este autor perceber a interação com as multidimensionalidade dos fenômenos sociais, a fim de entender os impactos observados em uma ótica social.

2. Os impactos na educação e a reconfiguração do trabalho docente

Segundo Tardif (2005) a organização escolar tem sido historicamente concebida, tanto em sua forma como no conteúdo, em estreita relação com os modelos organizacionais do trabalho produtivo e a normatização das condutas que sustentam a racionalização das sociedades modernas. Na medida que a escola passou a “receber” um número cada vez maior e mais diversificado de alunos foi sendo introduzido mecanismos burocráticos de padronização e controle do trabalho do professor, pautado em modelos de gestão e normas de execução utilizados nas empresas.

Em razão disso, Pimenta (1996, p.73) afirma que hoje os pesquisadores têm um grande desafio, ao propor novas metas para a escola e “gestar uma nova identidade do profissional docente” capaz de lidar com as demandas da realidade contemporânea de forma crítica e afinada com os ideais democráticos de formação dos alunos para o exercício da cidadania e inserção digna no mundo do trabalho.

O cenário que se desenha na atualidade é que as atividades concernentes ao professor foram (re) dimensionadas, hoje este profissional encontra-se imbuído da tarefa de preparar pessoas para o mercado de trabalho, bem como de formar cidadãos para a vida,



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



além de corrigir provas fora do horário de trabalho, planejar atividades extraclasse, atuar na resolução de conflitos, participar de reuniões pedagógicas, atuar em turnos diferentes e em escolas diferentes, tudo isto, geralmente, em salas de aula repletas de alunos indisciplinados. Em contrapartida, os direitos trabalhistas garantidos a estes profissionais vêm sendo cada vez mais objeto de precarização por causa da falta de vínculo empregatício e pouca qualificação profissional.

A crise dos paradigmas de produção e entrada de novas tecnologias provocaram transformações no mundo do trabalho, trazendo exigências para o trabalhador objetivando uma organização que enfatizasse a preparação da mão-de-obra que assumisse novas responsabilidades e desafios. A qualificação passou a depender das possibilidades de acesso a informações, do exercício de sua autonomia e da participação das decisões que afetam as atividades. Portanto, será necessário um novo projeto educativo para os trabalhadores, independentemente da área, das atribuições ou do nível hierárquico em que atuem um trabalhador que possua atribuições intelectuais e operacionais.

Todavia, a necessidade de formação docente, não necessariamente vincula-se a valorização do profissional, mas sim à necessidade de demanda de especialistas em determinada área, percebe-se aí a velha tendência do processo de produção capitalista potencializando um nível mais elevado de exploração da mais-valia do trabalhador, a fim de intensificar a produtividade no trabalho, forma-se para trabalhar cada vez mais, sem percebermos, no entanto, os direitos e a valorização acompanhando este processo. Essas contradições passam a existir com essa nova reestruturação produtiva, gerando uma gama enorme de trabalhadores que são obrigados a se sujeitarem a condições cada vez mais precárias, com baixos salários, péssimas condições de trabalho, perda de direitos trabalhistas e extensão da jornada de trabalho, é o que nos explica Neves (2006), para quem a queda crescente do pleno emprego estável e a crescente subcontratação de trabalhadores temporários, tem contribuído para um aumento de precarização, que se revela principalmente através das condições salariais.

Os estudos de Lüdke & Boing (2004, p.03) também apontam nesta direção, onde o trabalho docente aparece baseado numa desvalorização, apresentando sinais evidentes



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



de baixo poder aquisitivo, como também respeito e satisfação no exercício do magistério. Outra característica deste quadro refere-se a um professor subordinado às normas e diretrizes do Ministério da Educação e seus órgãos, estando “distante da situação de independência de um grupo profissional, que se auto-determina, se auto-controla e se auto-conduz ao desenvolvimento”.

Segundo Leite (2009) ainda existe uma complexidade em definir atualmente as indicações da precarização, pode ser entendida como uma deterioração das condições de trabalho no que se refere aos rendimentos, aos direitos trabalhistas, a relação à estabilidade e vínculo empregatício. No geral, o termo precarização tem relação com um conjunto de mudanças econômicas e sociais no mundo do trabalho, geralmente caracterizado pela desqualificação nas relações de contrato trabalhista.

Ao associar estas questões ao trabalho do professor torna-se nítido essas características: primeiro este professor para manter o seu emprego precisa se qualificar, no entanto, na sua maioria a qualificação nem sempre garante o cargo efetivo, pois entra influências demandadas por forças políticas, logo tem-se a instabilidade no trabalho e na manutenção do curso; em segundo temos a dupla jornada de atividades, os professores realizam os cursos na época do recesso escolar ou férias do trabalho, muitas das vezes a motivação acaba sendo atingida pelo esforço no cumprimento das atividades do curso e do trabalho, daí decorre uma série de questões trabalhistas que poderiam ser problematizadas.

A identificação da precarização não nos redime da necessidade de definirmos conceitualmente de forma clara e precisa o que é trabalho precário, sob pena não só de perdermos a capacidade de identificar o fenômeno como também em consequência podermos dimensioná-lo. Contudo, esses professores aos quais nos referimos não vivenciam um trabalho precário, pois possuem um contrato que resguarda alguns direitos como classe trabalhadora, apesar da instabilidade na renovação desses contratos não podemos classificar como tal, mas o caráter estrutural da precarização é evidenciado pelas condições adversas de insegurança, instabilidade e imposição do salário.



É necessário sublinhar que esta realidade não é exclusiva deste Estado. Aliás, se pensarmos nos aspectos positivos que a globalização nos trouxe podemos dizer as importantes conquistas no processo educacional, como as novas tecnologias que permitem alunos a quilômetros de distância acompanhar uma aula por vídeo conferência, a acessibilidade que tem permitido professores formadores se deslocarem entre as regiões, e principalmente as novas mídias que oferecem praticidade para o aprendizado nas escolas.

3. Os processos de subjetivação docente em Tefé

A educação no Amazonas, apesar de todas as dificuldades que enfrenta, como a falta de formação específica de docentes principalmente em regiões distantes da capital, teve um progresso significativo com o processo de interiorização do Ensino Superior através do sistema político-educacional.

As formulações da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) propuseram a oferta de uma educação superior interiorizada em municípios do Amazonas possibilitando oportunidades àqueles que dificilmente teriam condições para uma manutenção e custeio dos estudos na capital. No entanto, o que muito se observa ainda é a falta de ações e políticas públicas para garantir o financiamento de uma educação básica à população, e neste caso, se torna necessário o desenvolvimento de ações voltadas para uma construção do conhecimento que supere os desafios da região Norte, onde são evidentes dificuldades econômicas, sociais e políticas como: condições de trabalho, valores e costumes que colaboram diretamente na formação de um professor.

É neste cenário que este estudo interdisciplinar se enquadra, justamente para que entendamos o grande paradoxo que circunda a educação quando nos referimos ao desenvolvimento científico e tecnológico que passou a ser central na vida moderna, como se demonstra na percepção de Bauman (2005, p.19) ao revelar que a identidade estar sujeita a convenção social construída pelas dinâmicas e ambiguidades produzidas. Essa ambivalência é de que o sentimento de “pertencimento” a determinadas



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



comunidades, cultura ou nação não têm uma solidez, não é garantido para toda a vida, mas é negociável. Isso porque o fenômeno humano a partir da modernidade tem suscitado mudanças quando ao sentimento coletivo, o que tem provocado uma “liquidez” de nossas identidades.

Por este motivo que é preciso compor o nosso “eu” da forma como se compõe um quebra-cabeça, porém, um quebra-cabeça incompleto, ou seja, a partir de uma série de imagens obtidas ou que pareçam valer a pena ter para montar tantas imagens. Assim, nossas “identidades” são constantemente modificadas, renovadas, transformadas no líquido da modernidade em que estamos imersos. (BAUMAN, 2005)

Os problemas que envolvem a formação de professores não se restringem apenas às questões pedagógicas, mas também às relações mais amplas que envolvem o ser e estar na profissão, envolvem crenças, comportamentos e linguagens. Daí a importante discussão no que diz respeito ao fato de “ser” professor ou que “se pensa” sobre.

Enredada nessa teia de circunstâncias a Psicologia procura identificar quais sentidos e significados os professores estão atribuindo a esse novo momento, como ele configura suas relações, como ele compreende a nova dinâmica de vida a partir de uma formação profissional. Ele se encontra, como todos nós, mergulhado na liquidez do momento contemporâneo. Na percepção dos envolvidos na pesquisa o exercício do trabalho é visto como uma necessidade para a resolução das necessidades da vida, tanto enquanto criança como agora adulto, e se realiza em uma concretude, logo, desde pequenos devem aprender as atividades domésticas e a produção da roça ou pesca. E agora, “transformado” em professor deve dominar as competências da profissão. Destacamos que as condições do trabalho, parecem ser do tipo difusas, classificado hierarquicamente a partir da condição no emprego, seja ela estatutária ou seletiva, predominando no campo estudado esta última condição. Ou seja, na realidade do interior do Amazonas, principalmente em comunidades ribeirinhas próximas à cidade de Tefé, Médio Solimões, a predominância de escolas municipais, com docentes selecionados a partir da ordem descrita acima (seletivo), favorece a condição do trabalho que irá ser predominar, logo o tipo de trabalho estará imbricado por elementos sociais e políticos, que dominarão a organização e seleção para o trabalho docente nas séries iniciais ou



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



ensino médio.

Neste caso a educação seja rural ou urbana torna-se produto das contradições produzidas pela sociedade, construída por aqueles que “dominam” e controlam a força produtiva. O “ser profissional” não é uma expressão neutra, na verdade é crivada por uma série de elementos, muitas vezes contraditórios, como diz Contreras (2002, p.33), os defensores da tese de proletarização do trabalho do professor afirmam que “estão sofrendo transformação tanto nas características de suas condições de trabalho como nas tarefas que realizam, que os aproxima cada vez mais das condições e interesses da classe operária”.

Por outro lado, a outra tese que diz respeito à autonomia profissional enquanto qualidade do ofício do professor, é aspecto constante nos discursos dos professores em formação, especialmente dos nossos sujeitos da pesquisa (que estão em formação). Ou seja, mesmo diante do panorama de racionalização e burocracia que muitas vezes impede a reflexão crítica sobre seu próprio fazer pedagógico, esses sujeitos tem consciência do papel fundamental de sua profissão na sociedade. Inclusive o discurso de que são profissionais em formação pode ser lido como resistência ideológica a este processo de proletarização que a categoria se encontra.

Esta situação nos motiva a comungar da posição teórica de Tardiff (2005) quando este sustenta que a identidade docente, refletida na dimensão do trabalho, passou a ser vista como uma atividade secundária, o professor ficou subordinado à esfera da produção, no qual seu trabalho é apenas uma das etapas para o ingresso dos filhos da classe trabalhadora ao mercado de trabalho. Opondo-se a esse discurso sustenta que o modelo socioeconômico das sociedades modernas deve ensejar uma nova conceitualização do trabalho docente, visto que existe uma relação direta do saber do professor com o trabalho dele na escola e na sala de aula. Como demonstra a seguinte narrativa:

(...) no meu primeiro ano de trabalho eu fui trabalhar com a EJA, com as disciplinas de matemática, inglês, artes e ciências. Matemática dava pra ir que era o básico, artes também, agora inglês (risos) tive muita dificuldade (...) agora fiz concurso para vigia, aí eu deixei o trabalho como professor (...) no meu caso eu escolhi como vigia por ser mais fácil a prova, e eu não



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



poderia fazer o concurso como professor porque não tinha formação. (Professor em formação C, 28 anos, entrevista em 17 de Janeiro de 2017)

A entrevista revela que é através da falta de professores interessados em se deslocar para o interior de uma comunidade ribeirinha, que surge a oportunidade de carreira, significando momento único de oferta de trabalho, assim decide-se que este é o caminho para a sua independência. Nesse campo das dificuldades a distância, a falta de estrutura da escola podem parecer para outros oportunidades de se inserir nessa classe profissional, principalmente para as mulheres. O magistério parece o caminho possível para a maioria, se torna um trabalho até certo ponto valorizado, dada às condições de vida e trabalho anteriores, e uma alternativa no mundo moderno de crescimento social e econômico.

Esse ciclo de profissionalização considera que o tempo de serviço será a garantia e manutenção da sua locação e salário, quanto mais tempo o professor tiver de sala de aula, mais probabilidade de ser “relocado” e ter a “cadeira” dobrada, ou seja, a experiência e a prática são a garantia da manutenção do emprego, independente da qualificação que este docente tenha.

Os dados coletados e apresentados na dissertação de mestrado, nos leva a interpretação de que os sujeitos têm experiência profissional que se transforma, ao longo do tempo em fundamento do saber, e esse saber não provém de uma fonte única, mas de várias fontes e de diferentes momentos, logo o tipo de trabalho é também caracterizado por relações de reciprocidade, enquanto sistema de trocas.

É interessante pensar ainda que o professor também está imerso no debate candente entre a autonomia e a proletarização, visto que, às negociações de emprego e salários junto às secretarias de educação dos municípios não leva em consideração na maioria das vezes o seu processo de qualificação, especialização e construção de saber.

Talvez se tornar especialista numa determinada área seja instrumento legitimador do discurso profissional, mas ao que parece a visão de educação como instrumento de transformação e atenuação das desigualdades é um produto ilusório, de um lado é garantido à obrigatoriedade do ensino com professores qualificados, mas os professores



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



não se veem na condição de um grupo que garantiu seu espaço no mundo do trabalho. Soares (2001, p. 25) afirma que o ser contemporâneo está submetido às regras dos modelos de produção, da relação de classe e suas possibilidades de sucesso no mercado, assim temos educado nossas crianças, jovens e adultos para serem úteis, instalando um novo sentimento e valor sobre o inútil. No entanto, não se pode depositar toda essa responsabilidade sobre os profissionais de educação, desconsiderando os limites da formação profissional.

No discurso da professora B, 48 anos de idade, 20 anos de profissão, podemos refletir sobre essa questão, como a vivência e as sociabilidades norteiam a própria condição de trabalho docente, ela afirma “o meu salário se fosse só pra mim seria suficiente, mas o meu marido é comerciante então dá, ajuda muito” ou o desabafo da professora D, com 50 anos de idade, “até ano passado eu estava trabalhando com educação infantil, esse ano eu não sei no que vai dar”.

De acordo com Scoz (2007, p.125) a insatisfação das professoras com a situação em que vivem seja no trabalho ou na vida social deixam claro as representações, desejos e frustrações que se formam durante a construção de uma identidade, para além da aquisição de conhecimento, acabam por ser orientadas por uma visão complexa de mundo e por questões relativas às contradições.

Neste caso, a finalidade do trabalho nos parece estar associado a uma questão de sobrevivência financeira, ao sustento próprio e da família. A posição econômica dos docentes pode também ser considerada a partir das condições de moradia e a quantidade de dependentes. Existe a crença de que o professor deve possuir um saber absoluto, oferecer orientação e informação geral sobre o mundo que o cerca, por acreditar que possui uma maior apreensão teórica do que aqueles que estão sendo iniciados no mundo das letras, é o que acontece comumente na zona rural, espera-se que o professor “dê conta” de interagir com salas lotadas e mistas, e ainda reflita sobre seus conhecimentos e práticas. O que importa na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do medo que, ao ser “educado”, vai gerando a coragem (FREIRE, p.45, 1996).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pode depreender dessa discussão é que a educação em geral, e em particular o processo de formação docente, encontra-se eivado pelas novas questões do trabalho e da sua reconfiguração na atualidade. Surgem novas exigências a todo momento, aumenta-se a carga horária do professor, falta tempo e políticas para a sua qualificação, obriga-se este profissional a exaustivas atividades em escolas e turnos diferentes, ele é cobrado para atingir metas oficiais (IDEP, Prova Brasil, etc), muitas vezes sem a estrutura para tal, a burocracia do sistema de ensino cria a famigerada “carga horária compartilhada”, índices demonstram o aumento de professores afastados por doenças como depressão e estafa física ou mental, o magistério tornou-se uma carreira desprestigiada, esses seriam exemplos do que podemos chamar de “precarização do trabalho docente”, um fenômeno que atingiu o sistema privado, e tem avançado cada vez mais sobre o sistema público de ensino.

Como análise final desta pesquisa depreende-se que a maioria dos professores não têm dúvida que a formação inicial é importante, que atende as expectativas, mas que ainda existem dificuldades quanto à construção da relação interdisciplinar entre teoria e prática. O simples fato de ter a oportunidade de uma formação se torna um momento de domínio, logo a formação continuada levaria a outras dimensões enquanto construção profissional. Muitos professores, segundo as entrevistas, realizaram sua formação inicial concomitantemente à sua atuação como profissional e foram construindo sua identidade profissional de educador adequando os saberes da universidade aos conteúdos e práticas que já conheciam de alguma forma no trabalho que realizavam.

Assim, analisar o processo de subjetivação articulada ao trabalho docente é entender a constituição do ser social, importante como parte da essência humana que expressa o modo de ser do indivíduo, se faz necessário focar as mudanças ocorridas no mundo do trabalho para assim compreender a identidade do professor. Para Leite (2009, p.3) é necessário ter presente que os processos de globalização e reestruturação produtiva, devem ser entendidos como um novo rearranjo social - que pôs fim ao pacto fordista, que vigorou nos trinta anos gloriosos do pós-guerra - e que representam muito mais que



uma acomodação do modelo de acumulação ao desenvolvimento tecnológico, ou uma adequação do mercado financeiro e produtivo ao caráter flexível das novas tecnologias. Mas, que através deste rearranjo a nova estrutura produtiva trouxe inúmeros tipos atuais de trabalho e novas condições foram definidas e instituídas por intermédio do desenvolvimento científico e tecnológico.

Portanto, são candentes os debates sobre a escola e sobre o professor, refletindo sobre o papel da escola é buscar compreender como as ações desenvolvidas neste lugar possibilita aos indivíduos o desenvolvimento de saberes para a produção de uma consciência coletiva necessária à vida em sociedade. Por isso não se pode abrir mão de realizar uma crítica a este cenário de produção, ao modo como construímos e precarizamos as nossas relações dentro do trabalho, pois estamos todos envolvidos neste universo social, o que não deve nos impedir a luta para assegurar as condições básicas para a nossa sobrevivência e mantermos nossos princípios éticos,

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Tradução de Carlos Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CONTRERAS, José. **Autonomia de professores**. Tradução de Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1993
- GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-industrial. In: BECK, Ulrich; _____; LASH, Scott. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 1997.
- HAESBAERT, Rogério. Os dilemas da globalização – fragmentação. In: _____ (Org.). **Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo**. 2.ed. Niterói: Editora da UFF, 2013.



- LEITE, Márcia de Paula. O trabalho e suas reconfigurações: conceitos e realidades. In: _____; ARAÚJO, Angela. **O trabalho reconfigurado**: ensaios sobre Brasil e México. São Paulo: Annablume; FIESP, 2009.
- LÜDKE, M.; BOING, L. A. Globalização e educação: precarização do trabalho docente II—Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes. **Educação & Sociedade**, v. 25, n. 89. Campinas, set./dez., 2004.
- NEVES, Magda de Almeida. As novas configurações do trabalho: diversidade, precarização e dominação. In: PORTO, Maria; DWYER, Tom. **Sociologia em transformação**: pesquisa social no século XXI. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2006.
- PIMENTA, S. G. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. **Revista da Faculdade de Educação da USP**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 72-89, jul./dez. 1996.
- POCHMANN, Márcio. As perspectivas do trabalho na economia moderna. In: DOWBOR, Ladislau *et al.* **Desafios do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- SOARES, Suely Galli. **A arquitetura da identidade: sobre educação, ensino e aprendizagem**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e Realidade Escolar: o problemas escolar e de aprendizagem**. 14 ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente**: elementos para uma **teoria da docência como profissão de interações humanas**. Tradução João Batista Kreuch. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- THERBORN, Goran. Dimensões da globalização e a dinâmica das (des)igualdades. In: GENTILI, Pablo (Org.) **Globalização excludente**: desigualdade, exclusão e democracia na nova ordem mundial. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.